



ENSAIOS

FINSCU

ACERVO DA LAJE: NOTAS INICIAIS DE PESQUISA



JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS

Fundador e curador do Acervo da Laje, Salvador, Bahia

VILMA SOARES FERREIRA SANTOS

Fundadora e curadora do Acervo da Laje, Salvador, Bahia

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca apresentar alguns acervos que compõem o Acervo da Laje, em suas duas casas, localizadas no bairro São João do Cabrito, no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Apresentaremos aqui um pouco da história, metodologia, curadorias e a importância dos mesmos para a memória da Cidade do Salvador e do Brasil. Além disso, contaremos um pouco da nossa história e traremos questões referentes às nossas curadorias e ocupações de outros espaços museais.





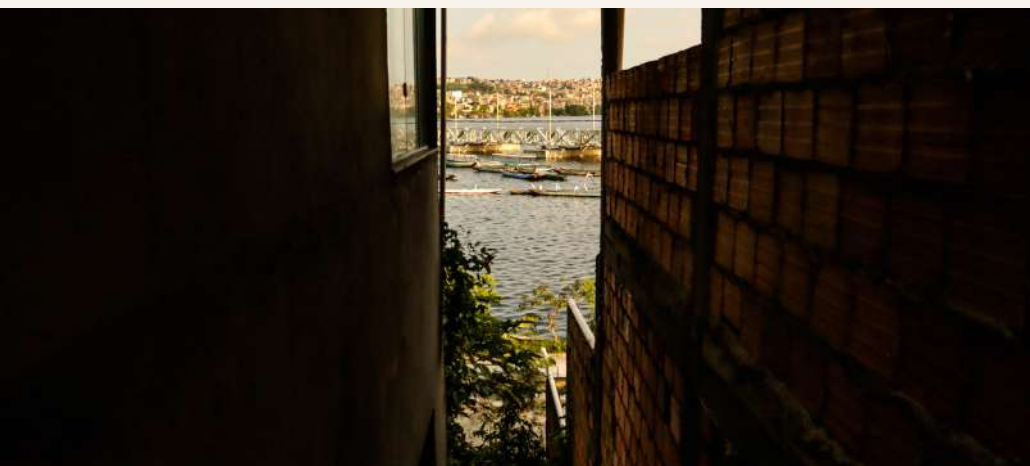
O Acervo da Laje é uma Casa, Museu, Escola localizado em duas casas no Subúrbio Ferroviário de Salvador, especificamente no bairro do São João do Cabrito com treze anos de existência (2010-2023), coordenado por nós, Vilma Santos e José Eduardo Ferreira Santos, de forma independente, sem qualquer apoio institucional ou governamental, sendo mantido às nossas expensas ou através de contribuições voluntárias e de uma pequena loja de livros e catálogos doados pelo MAM (Rio de Janeiro). Através de editais públicos, temos realizado diversos projetos externos e de organização interna dos espaços, contando com uma equipe local de produção cultural e artística, de arquitetura, fotografia e pedagogia.

Durante os últimos treze anos, iniciados com a pesquisa “A arte invisível dos trabalhadores da beleza”, de 2009 a 2012, junto com Vilma Santos e Marco Illuminati, fotógrafo italiano, várias coleções começaram a compor os dois espaços. Com tipologias diversas, esses acervos e coleções são geralmente de bibliotecas, acervos pessoais, obras de arte, fotografias, croquis e desenhos de artistas, além da hemeroteca sobre o Subúrbio Ferroviário de Salvador, dentre outros.

Aberto à visitação pública, o Acervo da Laje tem seu principal canal de divulgação de atividades através das redes sociais e do “boca a boca”, forma de comunicação que parte das experiências realizadas no espaço.

Figuras: Fotos do Acervo da Laje.
Autoras: Carolina Souza e Marina Muniz









METODOLOGIA

A metodologia adotada tem três pilares importantes para essa constituição de acervos¹ dentro do Acervo da Laje. São elas: a pesquisa - a partir da aquisição de obras com nossos recursos financeiros, recebidas em doação ou encontradas em descartes na cidade; a catalogação - registro e limpeza de cada uma das peças que vão compondo um mosaico constituído por um grande volume de materiais e obras que servem às pesquisas que realizamos; assim como as exposições e mostras que ocorrem tanto em diversos espaços, como a 1ª Exposição pública do Acervo da Laje (2011), “As águas suburbanas do Acervo da Laje”, no Centro Cultural Plataforma (2012), a 3ª Bienal da Bahia (2014), “Indiano Carioca”, no Coaty (2017), “Memórias afetivas do Subúrbio Ferroviário de Salvador, no Subúrbio 360 (2018), “Os labirintos de Zaca Oliveira”, no teatro Gamboa Nova (2018); como em museus como o MAM Rio, com “A memória é uma invenção” (2021-2022), MAM Bahia, com “Subúrbio: uma exposição em três atos” (2021) e agora no SESC Pompeia, com “A parábola do progresso” (2022- 2023).

Antes da pandemia não tínhamos a noção da complexidade do Acervo da Laje. No entanto com o apoio do Goethe Institut de Salvador conseguimos um projeto para digitalizar partes do Acervo com a criação de um *site*, a criação da hemeroteca e catalogação das obras de arte e de memória iniciais, além das reformas dos espaços para abrigar as duas grandes bibliotecas que compõem o Acervo da Laje.

72





O QUE NOS INTERESSA?

Em primeiro lugar há de se fazer essa pergunta: o que nos interessa nos acervos presentes no Acervo da Laje? E essa resposta diz respeito à materialidade das artes e das memórias produzidas no Subúrbio ferroviário, tanto as que nos precedem, quanto às que acontecem na contemporaneidade; depois a memória da cidade, a partir de doações de pessoas queridas que veem o Acervo da Laje como um espaço de memória, pesquisa e intervenções nestes campos.

Além disso, nos interessa produzir um espaço de deslocamento dos grandes centros de memória para a periferia, traço este que aqui na Bahia se fez e se faz urgente, dado que tais centros, museus e outros espaços culturais concentram-se, em sua maioria, no centro da cidade.

Neste sentido, a triagem que fazemos tem a ver com a nossa territorialidade, com sua memória e produção, acrescentando que pessoas de diversas partes da cidade e do Brasil têm contribuído para que esse nosso interesse se amplie e abranja outras periferias e centros, dados os encontros que são realizados aqui e o desejo de uma democratização das artes e das memórias. Cabe lembrar a particularidade de que todas as pessoas que visitam os espaços podem manusear, tocar e pesquisar tais acervos e obras de arte, além dos artefatos de memória.

74





75





US

JEXUS
Diz:

"Resgate
sua
história"

JEXUS
Diz:

"Resgate
sua
história"

livro de Buzios, cap. 3

JEXUS
Diz:

"Resgate
sua
história"

livro de Buzios, cap. 3

JEXUS
Diz:

"Res
sua
história"

KUS

Z:

sgate

ua

tória”

Livro do Búzios, cap:3

JEXUS

DIZ:

“Resgate

sua

história”

Livro do Búzios

COMO AS COLEÇÕES SÃO COMPOSTAS?

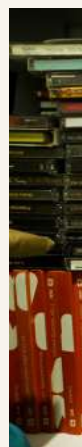
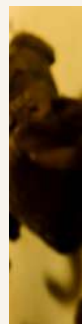
Uma pergunta bastante recorrente das pessoas que visitam o Acervo da Laje é como as nossas coleções são compostas. Para responder a essa questão é importante citar as três formas de aquisição. Na primeira delas, é através da compra de obras de arte em mercados, brechós, feirinhas e diretamente dos ateliês dos artistas; na segunda, as obras são recebidas através de doações de artistas, familiares, moradores do território; e, por fim, através do encontro de peças em descartes, praias, entulhos, sendo que algumas delas são trazidas também por moradores ou motoristas de carretos. Ao frequentarem o Acervo, essas pessoas adquirem uma consciência curatorial do que pode ou não ser descartado e qual a importância daquele objeto de memória ou obra de arte para compor a memória coletiva dentro de uma Casa, Museu, Escola. Isso acontece, principalmente, porque eles, os motoristas de carretos, ao transitarem por toda a cidade, encontram verdadeiros achados que são muito importantes, pois contam a nossa história. Por este motivo, dizemos sempre que o Acervo da Laje é composto por várias mãos e curadorias, que estão espalhadas por toda a cidade, inclusive pelas crianças e jovens que trazem quadros, telas de *silk screen*, conchas e até dentes que são encontrados na areia das praias.

78

Ao visitarem o espaço e verem a diversidade de objetos, é possibilitada uma diferença imensa na percepção e no modo de ver dessas pessoas, ou seja, há uma experiência irreversível do que é memorável, experiência em que, com suas contribuições, os visitantes-doadores tornam co-curadores/as do espaço. Por exemplo, diante da extinção da linha férrea que ligava o Subúrbio, desde 1860, assim como da destruição das suas estações, em função da construção de um monotrilho elevado (que ainda não saiu do papel e possivelmente será muito difícil vê-lo construído), muitas pessoas trazem parafusos, porcas, pedras, tudo o que restou dessa memória que teve fim no ano de 2021, mostrando o quão rápido é o processo de destruição dos patrimônios da periferia. Para enfrentar este descaso com a memória, foi criado um pequeno espaço no Acervo da Laje intitulado “Subúrbio ferroviário: memórias do trem”, que vai sendo ampliado por conta dessas doações de achados descartados ao longo da já extinta e antiga ferrovia.

Deste modo chegam acervos e coleções de capoeira, bibliotecas específicas como as de cinema, música, medicina, direito, literatura, além de discos, CDs, jornais antigos, revistas, quadros, esculturas, azulejos, dentre outros.

Assim, é possível afirmar que nos últimos treze anos as coleções vão se ampliando porque há uma curadoria coletiva de pessoas que ao frequentarem o Acervo da Laje começam a ter uma dimensão de que a memória não pode ser assim descartada e precisa de um lugar onde seja conhecida, preservada e divulgada.





ARTE ANÔNIMA, INVISÍVEL E ARTE AUTORAL: O QUE QUEREMOS?

Desde que iniciamos a pesquisa que gerou o Acervo da Laje tivemos a preocupação de encontrar a autoria das obras de arte, particularmente de artistas das periferias, pois vendidas, muitas vezes, como “artesanato”, muitas delas não continham a assinatura que revelasse a autoria das mesmas.

Essa preocupação ocorre por conta do grande volume de obras, ditas de “arte popular” que foram e são colecionadas, sem ao menos ter a autoria definida e isso gera um processo de invisibilidade recorrente na história das artes brasileiras, o que é um problema que persiste até hoje.

Neste sentido, todo o nosso esforço de pesquisa tem sido, também, o de trazer à tona essas autorias, o que não é um trabalho fácil, visto que muitos artistas não assinam a própria obra até por protesto, como me indicou o escultor César Bahia, ou seja, uma forma de protesto contra o baixo valor com que elas são adquiridas pelos revendedores apesar de vendidas a preços exorbitantes, ficando o artista privado do dinheiro fruto do seu trabalho.

Como os dados muitas vezes são esparsos e difíceis de encontrar, tanto na internet, quanto em catálogos, o problema da invisibilidade permanece e temos que conviver com ele neste desassossego, mas mesmo assim tem nos ajudado muito os relatos orais dos vendedores, por exemplo, do Mercado Modelo, que conviveram com esses artistas. Isso nos fez, por exemplo, escrever um dossiê/capítulo sobre um dos casos mais emblemáticos de invisibilidade: o do artista Adilson Baiano Paciência², um exímio escultor em madeira de santas, santos, beatos e sobre quem não há nenhuma informação disponível na internet ou em catálogo. Através dessas informações foi possível fazer um pequeno esboço biográfico, que de certo modo preenche uma lacuna nas artes brasileiras.

Mas mesmo com esse desassossego temos adquirido obras de artistas considerados invisíveis ou anônimos, porque, como lugar de pesquisa, é possível que no tempo suas autorias sejam reveladas e aqui, então, surge mais uma coleção: o acervo de arte invisível, porém materializada, ou seja, mesmo com a existência material da obra não temos a sua autoria e esse é um paradoxo, pois mesmo com a invisibilidade da autoria a materialidade da obra faz revelar um labor artístico que não pode ser apagado da história das artes brasileiras.

Ocorre, de forma semelhante, com os ex-votos, principalmente as esculturas em madeira. Talvez por seu caráter votivo, circunstancial ou não sabemos qual o motivo, os mesmos em sua maioria não são assinados e temos, também, essa coleção: a de ex-votos não assinados.







82



QUAIS CURADORIAS REALIZAMOS?

Aqui no Acervo da Laje realizamos uma curadoria constante, denominada de curadoria afetiva ou curadoria de si, levando em conta o eixo das encruzilhadas de encontros que fazem com que as obras cheguem, sejam mapeadas, catalogadas, registradas e mantenham suas integridades, dialogando com as outras coleções. Torna-se curadoria afetiva por conta da relação de afeto e confiança com que são doadas, para que pertençam a uma coletividade.

Por serem objetos que carregam histórias, ancestralidades, memórias e afetos, muitas vezes recebemos essas coleções como um pedido de salvaguardo e do medo da perda, além da manutenção das histórias vividas. Por este motivo, fazemos questão de manter sua integridade e sua permanência no tempo, através de exposições permanentes e transitórias, nas quais as pessoas podem ter acesso a elas.

Do mesmo modo, nessa curadoria há uma horizontalidade no que concerne ao diálogo permanente com doadores, artistas, estudantes, moradores, professores e curadores, para não existir uma hierarquização das decisões.

CURADORIA PARA QUEM?

Outra preocupação nossa nas curadorias é que elas consigam chegar a todos os públicos que visitam o Acervo da Laje, população em geral, que geralmente não frequenta espaços de memórias ou museus e, quando frequentam, não se veem representadas nas exposições, curadorias e acervos.

Neste sentido, pensamos curadoria para essa diversidade de pessoas e por este motivo é intencional que em meio às obras de arte e os livros, hajam objetos do cotidiano, tanto contemporâneo, quanto do passado, brinquedos, obras constituídas como artesanatos, placas de ônibus, de venda, dentre outras, como pudemos mostrar na exposição “Subúrbio: uma exposição em três atos”, realizada no M AM Bahia. Essa exposição provocou muitas questões em torno das memórias das periferias, pelo fato dessa memória ser reconhecida em objetos que para nós fazem sentido e para quem não mora no território causa estranhamento, o que é importante, porque o estranhamento, a fricção e a tensão em torno da quebra do cânone artístico e mnemônico tradicionais geram debates e discussões que ampliam as percepções de que uma concha (para nós que moramos perto do mar) é um objeto de memória e (para nós) torna-se arte porque carregamos essa memória afetiva em torno dela.

Essa experiência de se ver em um acervo e se reconhecer nele foi uma grande revelação nessa exposição, principalmente pelas placas de ônibus expostas que encontramos descartadas pelas ruas e de como elas correspondem aos nossos deslocamentos dentro da cidade. Do mesmo modo as cavernas, nomes e ruínas de barcos e canoas presentes na exposição acionaram campos de representação

importantes do que é ou não um acervo e por fim, as placas de lugares, vendas e aquelas que carregam o nome de pessoas queridas do território e que ao serem doadas por essas pessoas quando expostas provocam comoção, reencontros familiares intergeracionais que foram comoventes como experiência estética e afetiva. E aqui vale lembrar o dia em que policiais (dissemos policiais!!!) entraram na exposição a convite de um deles para ver a placa da chácara de sua bisavó, que tinha o nome dele. Ele chorou na exposição e fez transmissão ao vivo para sua mãe contando da sua comoção. Para nós, foi um espanto de como a arte e a memória precisam ser mais democratizadas e precisam acessar espaços outros para que as pessoas se reconheçam nesses acervos e coleções, criando uma relação dialógica antes impensável não fossem experiências como a do Acervo da Laje e outras espalhadas pelo Brasil e o mundo. Essas experiências vêm rompendo certos elitismos e mostrando novas formas de trabalhar com arte e memória a partir das nossas narrativas, sem atravessamentos de outros agentes externos, e que quando isso acontece temos feito a reivindicação de que essas curadorias sejam horizontais, sem extrativismo e que é necessário trilhar, vir in loco conhecer não só os espaços e as obras, mas viver as experiências que vivemos e conhecer a nossa produção, pois não acreditamos em curadorias de gabinete ou aquelas que são extrativistas e exploratórias e se baseiam na escolha sem participação das nossas narrativas, sensibilidades e escolhas.

84

Deste modo, é preciso ter uma atenção muito especial aos setores educativos e de mediação cultural, provendo-os de informações, formações e diálogo constante com as curadorias para que eles e elas também sejam curadores e me-



diadores dessas experiências, sabendo lidar com todo o público e ao mesmo tempo em que informam e ensinam podem aprender e dialogar.

Por isso, para responder a questão que está posta neste tópico precisamos democratizar as curadorias, compartilhá-las, tirá-las do seu “pedestal”, possi-



bilitando um maior processo de descentralização de poder e permitir a mais pessoas a possibilidade de criar, sonhar, fruir e se reconhecer nestes e tantos outros acervos. Ou melhor, dizendo: fazemos curadoria para quem? Quais públicos queremos alcançar? E aqueles que sempre foram excluídos dessas exposições que deles e delas não se aproximaram? Quando repararemos essa distância intransponível entre museus, suas curadorias e as populações periféricas? E é possível existir um museu periférico, ou que use a marca da periferia e funcione no centro da cidade mais rica do país? A quem interessa repetir o mesmo processo de colonialismos, exploração e fetichização das periferias como “objetos” de museu, sem que essas populações tenham acesso a direitos, renda, melhorias de vida e as pessoas não possam frequentar as periferias para ver e conhecer suas elaborações *in loco*, gerando renda, encontros, desmistificação de estereótipos em relação a elas, consumindo, dialogando, conhecendo esses territórios e suas populações tão estigmatizadas na história das artes brasileiras?

Neste sentido, o Acervo da Laje está na periferia de Salvador fazendo curadoria para seus moradores e para o mundo, sem perder o nosso chão e as nossas elaborações.

Por este motivo, podemos ocupar vários museus do Brasil e do mundo, mas para quem quiser conhecer a nossa produção, vida e realidade é necessário vir até a periferia de Salvador e pisar no nosso chão e conhecer as nossas estéticas e poéticas. Ou seja: nada sobre nós, sem nós! É sobre isso...



ANTES DE OCUPAR MUSEUS COM EXPOSIÇÕES, OCUPAMOS AS LAJES DAS PERIFERIAS DE SALVADOR

Um aspecto importante da história do Acervo da Laje em relação à apresentação e exposição de seus acervos e coleções, deu-se, de modo sistemático, antes de tudo nas duas experiências do projeto #OcupaLajes, realizado nos anos de 2016 e 2018, ambos com financiamento público de editais da Prefeitura de Salvador e da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, para realizar oficinas, bate-papos na Laje e exposições itinerantes em lajes de diversos bairros da periferia de Salvador, ocupando espaços antes impensáveis para a realização de exposições de artes visuais, além de divulgar as coleções do Acervo da Laje. Nesse itinerário tivemos muitas aprendizagens, dentre elas, a de que o primeiro acervo está em nossas casas e de cada família que nos ofereceu sua laje para ocupar o projeto; depois, que em todo bairro de Salvador há artistas que foram invisibilizados por não terem oportunidades de expor as suas obras no já cambaleante circuito de arte local, mas sempre dominado pelas mesmas figuras. Nas oficinas, por exemplo, muitos jovens, crianças e adultos puderam experimentar a possibilidade da criação e logo depois de expor suas obras, mostrando todo o itinerário do processo artístico. E, por fim, é importante frisar que todo o processo curatorial foi feito coletivamente, unindo jovens, artistas, produtores e o público participante do projeto, além das moradoras e moradores das lajes que nos receberam.

SOBRE NOSSAS EXPOGRAFIAS: SAINDO DO CUBO BRANCO

87

Em razão da quebra de padrões expositivos já consagrados, optamos pela exuberância dos espaços que ocupamos. Assim como as duas casas do Acervo da Laje estão plenamente repletas de obras em todos os seus espaços, incluindo paredes, chãos, céus com carrinhos, máquinas fotográficas e pinas, disposição em paletes, ocupando tudo com obras de arte e artefatos de memória. Essa expografia remete aos conceitos de ornamento e de exuberância, por exemplo. Dado o volume e a quantidade de obras existentes, já chegaram a nos chamar de “laje entulhada” quando da 3ª Bienal da Bahia, não sabendo esta pessoa específica que tudo faz parte de um princípio: já que as periferias são tidas, muitas vezes, como lugares de falta, vulnerabilidade e pobreza, propomos a exuberância expositiva, com critérios que vão desde a possibilidade de interagir com as obras, isto é tocá-las, fazendo uma experiência sinestésica, até a possibilidade de contemplá-las por ângulos diversos, tal uma lógica tridimensional ou mais que isso, sentir abraçados por elas. Tudo isso em função de que, já que as periferias muitas vezes foram definidas por adjetivos desqualificantes, o que propomos é uma exuberância que provoca sensações de não impedimento do encontro, contato e fruição, recolocando as pessoas no centro das exposições e na interação delas com as obras, esperando que dali surja um diálogo, um desejo e experiências de que é possível ter outros modos expositivos que possam gerar questões e aproximar cada vez mais as pessoas das obras e vice-versa. Sendo assim, concebemos a expografia, assim como a curadoria, com assombros que nos cercam e nos abraçam, num movimento contínuo e dialético do que é expor rompendo as barreiras do cubo branco.





PARA ALÉM DE CASA, MUSEU, ESCOLA, O ACERVO DA LAJE É UM ESPAÇO DE CRIAÇÃO DE MEMÓRIAS DOS NOSSOS TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS

Após a exposição “A memória é uma invenção”³, do MAM Rio (2021-2022), retornamos para Salvador com o intuito de também contribuir, de forma artística e mnemônica, para a criação e recriação das memórias da periferia de Salvador, especificamente do Subúrbio Ferroviário.

Por isso, desde novembro de 2021 até dezembro de 2022, temos desenhado em uma série de pranchas (já estamos na 8ª) que apresentam e documentam as memórias das periferias através de desenhos que mostram as paisagens, ruínas, casas, fontes, terreiros, igreja, escolas, monumentos. Tudo o que faz e fez parte da história da nossa territorialidade suburbana, sempre com o método de que, em cada desenho feito, são prensados e queimados cinco azulejos para que possam ser expostos em exposições para crianças e todas as comunidades, para que as mesmas se deem conta do que é patrimônio ou fratrimônio⁴ dentro das periferias. São desenhos baseados na estética dos antigos riscadores de milagres que ficavam nas igrejas e espaços de devoção e pintavam, como ex-votos, tudo aquilo que lhes era contado pelas pessoas, como uma forma de agradecimento pelas graças alcançadas.

No nosso caso trata-se de uma iniciativa pioneira de documentação original, real, imaginativa e às vezes até de recriações da memória de lugares que fizeram ou fazem ainda parte do território, com um traço estético básico, mas ao mesmo tempo complexo, altamente comunicável, apresentando toda uma iconografia que sempre foi invisibilizada pela cidade em relação à periferia.

Os desenhos são feitos por José Eduardo, tendo por base fotos, leituras de antigos livros e recortes de jornais, pesquisas, recordações pessoais; depois de feitos são levados para o renomado azulejista e artista Prentice Carvalho para o mesmo faça uma tiragem queimada no forno de cinco exemplares (como tem sido feito)

de cada desenho para que possamos realizar até cinco exposições simultâneas em escolas, museus e também no Acervo da Laje.

Essa iconografia da periferia representa, para nós, um marco contra a invisibilidade das nossas narrativas e aponta para a possibilidade de um novo olhar sobre a cidade e suas periferias.

Neste sentido o Acervo da Laje rompe com essa ideia estática de museus que só recebem ou adquirem obras e ganha um protagonismo como lugar de criação para preencher lacunas históricas e iconográficas de populações que nunca foram representadas e que também fazem parte das cidades.

Em tempo: uma parte dessas séries está sendo exposta na exposição “A parábola do progresso”, no SESC Pompeia, de 26 de outubro de 2022 até 02 de abril de 2023 e certamente estarão expostas no Acervo da Laje e em outras exposições.

Por fim, essa iniciativa quebra uma série de questões históricas sobre a valorização dos patrimônios ou fratrônios que assim definimos agora, pois se não tivemos missões para nos catalogar ou definir o que era memorável ou não, agora somos nós que podemos dizer, criar e difundir a nossa história em sua materialidade presente ou em ruína, mas sempre em memória.

BREVE LISTAGEM DE ALGUNS ACERVOS E COLEÇÕES PRESENTES NO ACERVO DA LAJE

Por se tratar de um acervos complexos e adquiridos nos últimos treze anos, vamos listar alguns deles⁵ :

1. Hemeroteca do Subúrbio Ferroviário de Salvador: composta por centenas de recortes de jornais, além de revistas, é um espaço de pesquisa permanente sobre o território e foi sendo constituído por iniciativa dos coordenadores dos espaços e foram tratados, catalogados e digitalizados por uma equipe composta por uma arquivista e seis jovens do território.

2. Azulejos de Prentice Carvalho, Reinaldo Eckenberger, Emílio Ugarte, Cláudio Pastro, alguns recebidos de outros países, alguns coloniais e outros antigos e contemporâneos e agora os de José Eduardo, mapeando, através de desenhos, a memória local: foram adquiridos através de compra, doação e produção durante os últimos treze anos. Muitos deles estão presentes nas paredes, escadas, balcões, além de uma grande reserva técnica.

3. Raridades bibliográficas, manuscritos e livros autografados: nas duas bibliotecas presentes nas Casas 1 e 2, há coleções de raridades bibliográficas e livros autografados que já pertenciam a José Eduardo Ferreira Santos e uma quantidade considerável que foram recebidos em doações ou comprados, principalmente livros sobre história da Bahia, a coleção *Brasiliensia Documenta*.

4. A coleção de livros de futebol e poesia baiana do senhor Edson Barbosa Bulos: doados por sua filha, essa biblioteca é uma das mais completas sobre futebol, tanto da Bahia, quanto do Brasil, montada por ele ao longo da vida. E ainda há a coleção de literatura de cordel sobre futebol, palestras e cordéis inéditos, hemeroteca sobre futebol e do Banco da Bahia, de Clemente Mariani.

5. Croquis e desenhos de artistas do Subúrbio Ferroviário de Salvador: doadas pelos artistas ou seus filhos, mostram os processos de criação de obras desde a década de 1970 aos dias atuais. Dentre eles temos obras de Ray Bahia, escultor em alumínio, de Periperi e Otávio Bahia, escultor em madeira, de Fazenda Coutos, ambos bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador.

6. Esculturas e máscaras em madeira, de César Bahia, Otávio Bahia, Adilson Baiano Paciência, além de escultores anônimos: todas elas adquiridas em espaços como o Mercado Modelo, antiquários, feiras e dos próprios artistas é um panorama das artes em madeira na Bahia e no Brasil.

7. Acervos de fotografias, cartões postais e negativos encontrados em descartes, além do acervo da Oi Kabum!, doado pela responsável pela instituição: são negativos referentes à história do território, outros de pessoas anônimas, além de exposições completas realizadas pela instituição. No futuro os negativos serão escaneados, haja vista que possuímos o scanner de negativos.

8. Acervo de cinema Tuna e Yara Espinheira: constitui-se com uma coleção de troféus, cartazes de curta-metragens do cineasta, além de sua biblioteca.

91



9. Conquiliologia do Subúrbio: realizada desde o surgimento do Acervo da Laje, essa foi uma coleção constituída continuamente, até os dias de hoje, para mostrar a diversidade da vida marinha do território, através de conchas que são descartadas depois da mariscagem e da pesca, além de encontrar fragmentos de antigos sambaquis.

10. Coleção arqueológica do Subúrbio Ferroviário de Salvador: Composta por cerâmicas antigas, fragmentos de garrafas, ladrilhos hidráulicos, tijolos das antigas olarias do território e louças dos séculos passados encontradas em nossas praias.

11. Acervo Ronilda Noblat: doado por sua nora, este acervo é constituído por documentos, fotos e reportagem sobre essa grande advogada que atuou durante a ditadura militar defendendo os presos políticos.

12. Coleção do artista e morador em situação de rua Indiano Carioca: foram adquiridos desde o início do Acervo da Laje, quando Indiano Carioca ocupava um dos arcos da Baixa do Bonfim e se constitui como uma coleção de obras de arte única, onírica, transcendental e que tem provocado imaginário coletivo por conta de suas formas, traços e particularidades das obras, geralmente quadros pintados sobre madeiras de aglomerado e com temas diversos.

13. Coleção de quadros do artista Zaca Oliveira: o artista Zaca Oliveira, desde que conheceu o Acervo, tem promovido para nós a compra e doação de suas obras, entre quadros e esculturas que retratam o cotidiano das periferias.

14. Coleção de esculturas de Nailson Barros: Escultor em madeira, Nailson Barros tem a particularidade de realizar esculturas as mais diversas, dentre elas a de pessoas trans e foi doada pelo artista quando o mesmo deixou a cidade de Salvador, transferindo-se para o interior do Estado da Bahia.

15. Coleção de esculturas de César Bahia: As obras de César Bahia fazem parte do imaginário das artes da Bahia, com suas esculturas de máscaras e Orixás, aprendidas com o seu pai, o genial escultor Otávio Bahia.

16. Biblioteca do Professor José Cavalcante Teixeira Filho: a biblioteca foi doada por sua filha e contém livros da transição do século XIX até a contemporaneidade, cujas temáticas variam de literatura, direito, poesia, dentre muitos outros gêneros.

(IN) CONCLUSÕES: NOTAS INICIAIS DE PESQUISA E DESAFIOS

A pesquisa talvez seja uma das mais constantes atividades do Acervo da Laje e, depois dela, a democratização de tudo o que temos constituído nestes espaços, tanto através de visitas, exposições, bate-papos, oficinas seja uma marca que todo espaço cultural poderia promover, pois amplia as possibilidades de ação e criação, reverberando em novas elaborações artísticas, culturais, científicas e










96





de memórias das periferias, traços estes ainda invisibilizados nos grandes centros hegemônicos ou ainda não acessados pela população, universidades etc.. Isso atesta que a diversidade cultural brasileira precisa ser visível a partir dessas ações e de espaços que provoquem tais deslocamentos e tensionamentos do que é arte, memória e diversidade cultural, pois ainda há muito a fazer, dado que a arte e a memória brasileiras sempre foram ditadas pela elite.

Como se pôde ler neste pequeno texto, o Acervo da Laje tem uma diversidade de acervos que foram aqui citados (e outros não, por conta do formato do texto) que são importantes para a memória do Subúrbio Ferroviário de Salvador e o transcende para além do território, como forma de deslocar e criar novos espaços de memória, pesquisa e produção de conhecimento, para além da hegemonia dos centros. Sendo assim, essas notas iniciais apontam para a necessidade de convênios com as universidades, centros de pesquisa, museus e seus profissionais e estudantes para cada vez mais trazer à tona essas possibilidades de troca e divulgação destes acervos dentro do Acervo da Laje, possibilitando o acesso a mais pessoas e oferecendo devolutivas para o território, à cidade, ao Brasil e ao mundo.

Como grande desafio temos a falta de recursos financeiros, o que é uma constante em espaços culturais, principalmente nas periferias, o que traz impactos ao fomento e divulgação destes acervos aqui apresentados. Embora não tenhamos uma estrutura que dependa de grandes recursos, necessitamos do mínimo para sobreviver e realizar tais ações e, neste sentido, contamos com a colaboração das pessoas, dos editais que concorremos e, mais que tudo, pensamos e sonhamos com algum apoio longitudinal e institucional que não deixe essa experiência findar. Mas temos esperança! 





NOTAS

¹Neste texto as palavras acervo e coleção têm o mesmo significado.

²SANTOS, José Eduardo Ferreira. O Acervo da Laje: a memória desvelada como exercício de alteridade. Um dossiê. In: Horizontes de alteridade: sociedade, família e subjetividade/ José Luis Sepúlveda Ferriz...[et al], Organizadores. – EDUFBA, 2022, pp.317 – 329.

³Mais informações sobre a exposição na página: <https://mam.rio/programacao/a-memoria-e-uma-invencao/>, acessada em 24 de setembro de 2023.

⁴Fratrimônio é um neologismo que temos utilizado para falar de como nós entendemos a ideia de patrimônio a partir de nós mesmos, irmãs e irmãos.

⁵Para uma listagem mais completa e que aqui, por conta do espaço textual não foi possível elencar, é possível encontrar no site <www.acervodalaje.com.br> as abas e galerias das coleções existentes.